

A rainha que dança: os passos que marcam sentimento e tradição

O texto abaixo é um dos que compõem a publicação que acompanha a Ocupação Leda Maria Martins, focada no Reinado, manifestação cultural que marca a sua vida e pesquisa. Entre fotos e espaços para intervenção do leitor, o livro traz depoimentos da equipe da Ocupação. Este é de Roberta Roque, produtora cultural do IC, poeta, jornalista e pesquisadora em literatura

Não havia completado ainda o tempo de relógio necessário, em minha iniciação nos ritos da nação nagô egbá dedicados à iabá que rege minha cabeça, para que eu pudesse participar de outra manifestação de fé. Nos preceitos de minha casa de axé, recebemos de mãe e pai a orientação de não frequentar outro espaço sagrado até a renovação desse renascimento. Dentro da tradição, sou uma recém-nascida e, para o meu bem, é preciso pisar devagarinho o chão para aprender a ver com outros olhos o velho mundo.

Quando soube que receberia este presente especial de fazer parte do grupo de pesquisa, produção e curadoria da *Ocupação Leda Maria Martins*, levei aos meus mais velhos, por ser iaô, que era possível que, antes do tempo previsto, eu precisasse estar presente em locais sagrados de outra tradição. Consultado nosso oráculo, recebi o agô necessário – axé! – para seguir com essa oportunidade tão única.

Conheci Leda Maria Martins, para além das páginas e dos muitos grifos em seus livros, em sua própria casa. No horário do almoço, andamos por seu bairro em busca de um lugar para comer e, entre espiadas em vitrines de brincos e bolsas, ela falava, com sua voz firme, porém doce, preciosidades sobre o Reinado e sobre como é ser Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, posto que ocupa desde 2005, após o encantamento de sua mãe, Dona Alzira Germana Martins. Desde menina, tenho um gosto especial por sentar aos pés dos mais velhos – e não me refiro aqui às marcas em certidões de nascimento – para ouvir e aprender com os mistérios que eles falam. Durante aqueles dias em Belo Horizonte, a cada “olha para você ver” que Leda dizia, seguido de um breve silêncio, meu coração dava um salto de atenção e eu sentia a coluna ficar mais ereta. Algo caro – e não me refiro aqui a dinheiro – seria dito e era preciso ter o corpo atento.

Ao lado de Natalia Souza, parceira e dupla presente nas mais diversas emoções do percurso desta *Ocupação*, acompanhei Leda em alguns de seus compromissos como Rainha das Mercês. A primeira ocasião foi a festa da Comunidade Quilombola dos Arturos, em Contagem (MG), e, com a Guarda de Moçambique da Irmandade Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, participamos também da festa do Reinado Treze de Maio, no bairro Concórdia, em Belo Horizonte. No dia anterior às duas festas, Leda perguntou se eu estava pronta para estar presente, afinal, tinha feito o santo havia pouco tempo. Quando expliquei os cuidados de meu pai e minha mãe, ela consentiu aliviada, e percebi ali uma de suas tantas responsabilidades como rainha. Com minha

roupa branca, pano de cabeça, fio de conta no pescoço e contraeguns nos braços, fui. Aquele dia está marcado com carinho em algum lugar do meu corpo que ainda não sei explicar.

Quando eu era criança, minhas avós me ensinavam a rezar o terço, mas também a preparar os sacos de doce para Ibejis e a obedecer a todos os ritos pedidos pela infinidade de benzedadeiras e benzedeiros que conheci pelo caminho. Quando firmei meu compromisso íntimo com o axé do qual faço parte, em conversa com minha mãe de santo, comentei que, apesar de ser muito feliz no candomblé, sentia saudade de entoar as rezas e os benzimentos que aprendi com minhas avós. Em vez do binarismo que estava esperando, o que recebi foi uma gargalhada que dizia não ser possível desaprender o que se aprendeu. Se uma vez recebi esse presente, qual seria o motivo de jogar fora minha bagagem para começar tudo de novo? Aliás, que ideia mais tola esta de pensar em “fora” ou mesmo em “novo”. E ali, com Leda, tudo fez sentido mais uma vez, fechando uma das tantas espirais que bailamos repetidas vezes enquanto há vida.

A segunda vez que vivi uma festa de Reinado foi novamente ao lado de Leda, mas em seu chão, aos pés da árvore de jatobá. A criança de fé que sempre fui estava ali, mas agora com, além dos olhos curiosos, fio de orixá e roupa branca, pedindo a benção – e saudando Maria – às rainhas, reis, capitães de guarda e guarda-coroas. Nessa ocasião, pude ouvir a Rainha Perpétua Iracema Moreira falar sobre a fé e a importância de Leda, sobre o quanto ela é uma figura fundamental e conservadora, e sobre o legado de sua mãe, Dona Alzira – que, de tão celebrada, é como alguém que conheço, por quem tenho carinho. Voltei dessa conversa pensando nos sentidos de *conservação* e o que seria, talvez, esse adjetivo aplicado à Rainha das Mercês.

No dia seguinte, após um almoço na irmandade, o Capitão-Mor Juarez Barroso da Silva compartilhou, ao pé de uma árvore, com a turma que tinha se formado, além de copos de refrigerante geladinho, muita conversa, com seus olhos firmes e sua voz mansa – “olha para você ver!”. Ensinaamentos que, se não se prestar atenção, o vento pode levar. O capitão ria ao contar que, quando as crianças aprontam muito durante os festejos, é preciso ter tato para saber lidar: o jeito dele é jogar balas e doces para o alto, para que cada pequeno pegue seu pedacinho e fique quieto por um tempo. Não pude deixar de pensar nos doces que ofertamos para agradar, acalmar, agradecer e pedir aos erês.

Um grupo da irmandade lavava a capela para os festejos da noite e, no terreiro, duas crianças brincavam de esfregar o chão, fazendo farra com a água e o sabão naquele dia quente. Logo após falar sobre o quanto era difícil manter a juventude perto da tradição, Juarez apontou e disse que aqueles ali eram os futuros reinadeiros e que, desde que o mundo é mundo, são assim as coisas e as sucessões. Por um momento, eu me perguntei: “Mas a fala imediatamente anterior não era sobre os jovens estarem afastados?”. Então entendi que não fazia o menor sentido olhar com olhos de sim ou não, porque é sim e também é não.

No fim de nossa prosa, ele disse o quanto estava contente com a homenagem a Leda, por ser uma pessoa tão querida e importante. Uma pessoa conservadora. Não aguentei: “Final, Juarez, o que vocês querem dizer com essa palavra, especificamente?”. Ela conhece e respeita a tradição. Leda conhece a história, tem propriedade para falar e atuar nos ritos, mas também sabe dos

mistérios, daquilo que exige silenciar a voz e alterar o movimento do corpo para entender melhor. E então entendi.

Quando estávamos em nosso primeiro encontro, entre cafés e a pressa do relógio, Leda disse estar aprendendo a ser rainha. A postura social, espiritual e de fundamento que uma rainha deve assumir é cargo importante de se levar. Entre os seus complexos sins e nãoos, porém, a poeta – que é reinadeira, acadêmica, dramaturga, mãe, filha, rainha de uma irmandade, carioca e mineira – riu como menina ao dizer que recebe olhares duros durante as celebrações por querer dançar. Onde já se viu uma rainha dançar? Leda, adulta e menina, ri. Não é isso o esperado quando se veste capa e coroa. Mas, nas ruas de terra e pedra, quando caixas, gungas e patangomes começam a tremer junto de um sem-fim de vozes, nem mesmo a rainha conservadora vai deixar de, discretamente, dançar. Cochicho nestas linhas: que cena mais linda é ver a rainha dançar! Afinal, Leda, não é no compasso do Moçambique que tocam as batidas do seu coração?